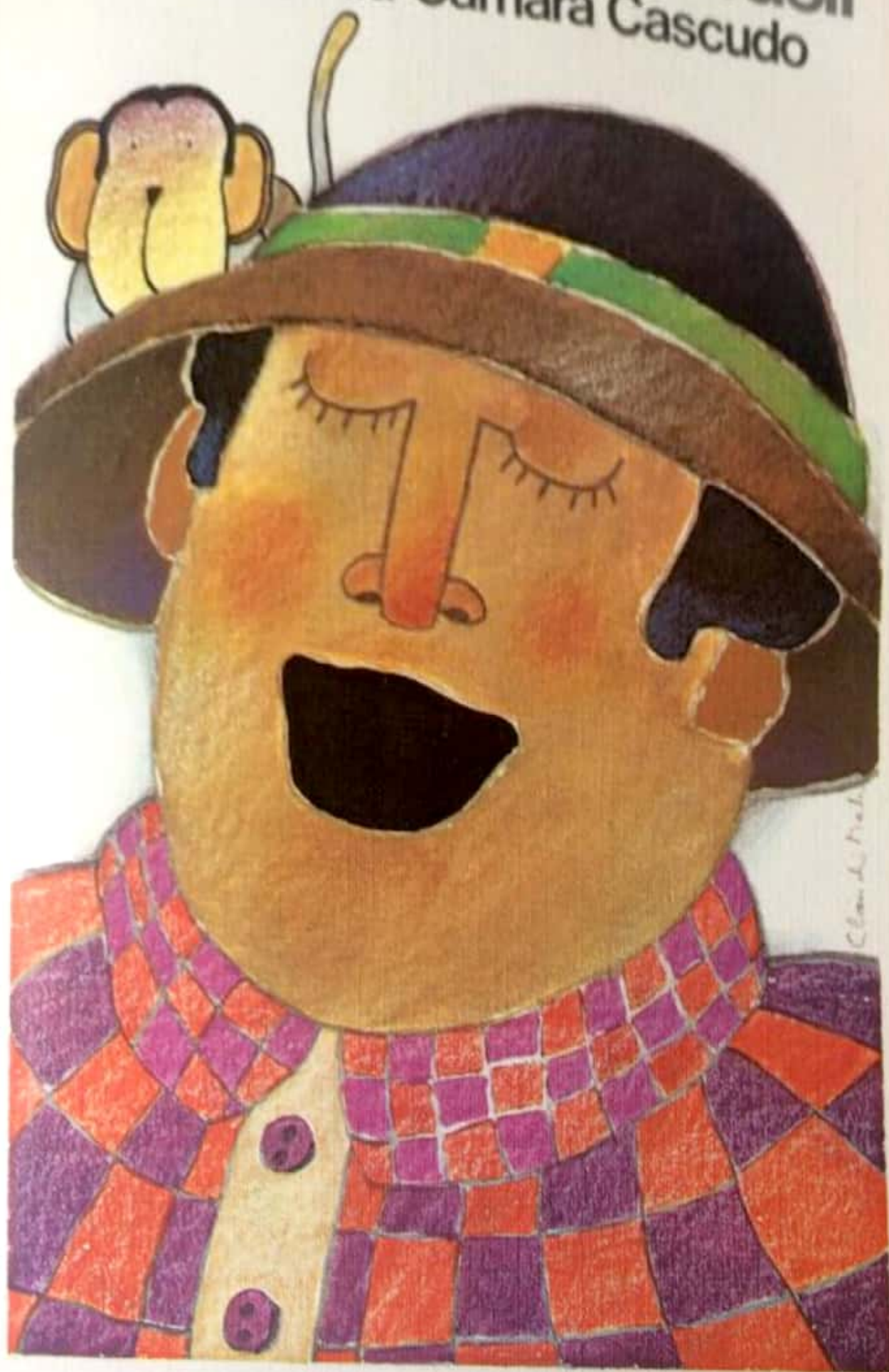


Literatura Oral no Brasil

Luis da Camara Cascudo



CAPÍTULO V

1 – Permanência portuguesa: a tradição oral	165
2 – Contos, lendas, mitos	172
3 – Italianos, castelhanos e orientais na novelística tradicional portuguesa	183

CAPÍTULO VI

1 – Fontes impressas da literatura oral brasileira	192
2 – Os romances e sua sobrevivência	208

CAPÍTULO VII

1 – Técnica da narrativa popular, fórmulas, informação, recursos auxiliares	228
2 – Estudo do conto popular, a escola finlandesa, método histórico-geográfico, motivos e elementos	242
3 – Interpretação, <i>dramatis personae</i> dos gêneros principais da literatura oral	247

CAPÍTULO VIII

Pequena antologia do conto popular brasileiro	256
Classificação	257
Contos de encantamento	263
Contos de exemplo	273
Contos de animais	281

a "Porca dos sete leitões... rodeano igreja na vila e as cruas da estrada, c'oa leitoada chorano de atrais... só presegue os casado que vem fora de hora p'ra casa" (309).

Dos sustos portugueses recebemos também os pavores às strix e caprimulgídeo, corujas e noitibós de canto plangente, difuso e atordoante. Aqui no Brasil os indígenas diziam essas aves agourelas e núncias de mortos. Frei Ivo d'Evreux chegou a dizê-la perascentente a Jurupari. Na Europa são arautas da agonia. Voam rasgando mortalha no atrito dos remígios. Os urutaus, conhecidos como Mãe-da-lua, Chora-a-lua, Anda-a-lua, têm estudos do padre Teschauer e de Lehmann-Nitsche, mostrando a área geográfica da sua jurisdição apavorante. Waterton, nas Guianas, em 1816, registava o assombro que o caprimulgídeo, Urutau, para o inglês *Whip-poor-Will*, causava aos indígenas e escravos africanos, ave de Jumbo, demônio negro e de Yabahou, *Demerara Indian devil* (310). O africano carregava a mesma herança sobre o inocente e feio caprimulgídeo. Na Florida a tradição é a mesma, levada pelos negros escravos ou pelos espanhóis conquistadores (311).

3 — O povo ama a si mesmo. As estórias populares, mesmo vindas de outros países, tiveram fonte comum. Os livros impressos em castelhano, francês, italiano e latim apenas recolheram, de pomares distantes, frutos esperados pelo paladar coletivo. O mesmo tema vinha por vários caminhos. Podia estar esquecido e ser reavivado pelo cartapácio. Jardim da Europa, Portugal tem flores de todos os climas. E roseiras velhas que se cobrem de uma floração miraculosa, embora de mil anos. As raízes estão espalhadas pelas terras de longe. Raramente é possível identificar na confusão da foz a origem das águas que correm.

Houve uma influência erudita na novelística popular portuguesa? Certamente não. O povo lia rara e fortuitamente. Ouvia ler ou entendia estórias. O livro não teve a repercussão poderosa prevista. E quando a tipografia apareceu em Portugal (1487), os volumes manuscritos de Alcobaça, as versões tornadas familiares das vidas dos santos, os "exemplos" conhecidíssimos, eram alimento fácil e comum. As tradições miríficas da Dama do Pé de Cabra ou da Mulher Marinha que fundou a família dos Marinhos

(309) *Op. cit.*, 156.

(310) Charles Waterton — *Wanderings in South America*, 106-109. Waterton nota duas características do *goat-sucker*. Ninguém esquece o grito uma vez ouvido. "Its cry is so remarkable that having once heard it, you never forget it." E não se concebe que seja canto de uma ave. "A stranger would never conceive it be the cry of a bird." Ed. Everyman, London and New York, s. d.

(311) Cecile Hulse Matschat — *Suwannee River, Strange Green Land*, ed. Farrar & Rinehart, New York-Toronto, 1938. "If the whippoorwill cries near the house, someone in the family will die within a week", p. 90.

(316) Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, V., 145.

(que ainda usam uma Serrá no elmo do braço) foram incluídas no *Livro de Isahayro*, fundamento de gens aristocrática, obra de colaboração vária e de espírito geral.

As leituras de castelhanos, franceses, italianos levavam as correntes do povo alguns elos. Infiltravam-se pela conversação, pela citação em público, nos sermões e alódeas. O Santo Offício abria os seus braços contra a ercibente, proibindo ler e possuir os livros aduzados lá fora. Apenas os tornava mais desejados e caros. O catálogo dessas leituras são os "Index Expurgatórios" dos séculos XVI e XVII.

No Índice Expurgatório de 1564 proíbese Bocácio, *Decadés*, seu *Novella centum*. No de 1581 menciona-se *Cento novelle scritte da pia nobili scriptori de la lingua vulgari, con la giunta di Cento altre novelle... Facciosa e matti e burle recoltis por M. Lodovico Domenico, e Guicciardini, Pecorone, di Messer Jovanni Fiorentino*.

—No Índice de 1597 vetáse o *Cymbolum mundi* de Bonaventura dos Perriers, e o *Gesta Romanorum*. Em 1581 era a vez do *Lazarillo de Tormes*, *Roberto do Duabo*, como, em 1624, não escapara a *História da Donzela Teodora*.

Do empimento Bocácio é o *Decamerone* indistinto, com tradução em catalão desde 1429. O episódio de Griselda, na versão latina de Petrarca, *De obedientia et fide uxoris*, era lida anteriormente a 1401. P. Saintyves estudou a expansão desse tema, apresentado nos contos de Perrault. Chaucer levou-o à Inglaterra no seu *Canterbury Tales*. Em Londres, no Palácio do Parlamento, no Upper Waiting Hall, há uma frescos representando cenas poéticas das principais escrituras inglesas. Coxe desenhou aí a paciência de Griselda ou Griselda.

Não é de admirar que o Santo Offício português haja negado ortodoxia ao *Decamerone* em 1564 quando, desde janeiro de 1556, estava o mesmo incluído no Índice do Papa Paulo IV, por um ato condemnatório do Concílio de Trento. Verdade é que as *Cem Novellas* continuaram lidas e readitadas, depois de um falso expurgo por quem pedimos pecar mais ostensivamente. O *Decamerone* já contava cinco edições espanholas em 1550, e o espanhol era idioma em Portugal, corrente e vivo.

Menéndez y Pelayo e miss Carolina Brown Bourland, meus guias na cidade bocciana, especialmente nos bairros de influência castelhana, dizem que António de Torquemada, com os *Colóquios Diuturnos* (1533) e Juan Timoneda, com o *Patrañuelo* (1566) "seu los primeros cuentistas del siglo XVI que empiezan a explotar la mina de Boccaccio", como Lope de Vega que dele recebeu assunto para oito comédias. Para Portugal é preciso pensar em fontes anteriores e comuns a Bocácio e aos portugueses, *Calisto e Dimna*,

Disciplina Clericalis, hagioláricas, etc. O episódio de Tosano, quarta fabula da sétima *giornata* do *Decamerone*, está no *Orto de Espino*, de frei Hermenegildo de Taveos, manuscrito do séc. XIV, e Teófilo Braga o reproduz, sem notas (312). A fonte é o *Disciplina Clericalis*, de Pedro Afonso (313). Menéndez y Pelayo podia ter facilmente verificado que o frade alobocense português traduzira e Bocácio parafraseara o mesmo tema.

O *Cento novelle scritte da pia nobili scriptori de la lingua vulgari* é o volume de Francesco Sansovino, *Cento Novelle Scelte da Più Nobili Scrittori della Lingua Volgare* (314), com sete edições no séc. XVI. O *Cento altre novelle, Facciosa e matti e burle recoltis por M. Ludovico Domenico* são duas coleções. Refere-se à primeira ao "Novellino", *Le Cento Novelle Antiche* e *Livro di Novelle e di Bel Parlar Gentile, Dello Asche Novellino*, uma das séries mais populares na península. A segunda é o *Delle Scelte di Motti, Burle, Facetie di Diversi Signori, e d'Altre Persone Privati, Raccolte da M. Ludovico Domenichi*. A coleção de Domenichi comata de contos de Gonnella, Ariotto, Guicciardini, Barlaamha, etc. "Guicciardin" é Lodovico Guicciardini, com a sua *l'Here di R. creatione* e o "Messer Jovanni Fiorentino" é Set Giovanni Fiorentino, autor do *Il Pecorone*, meio cento de *novelle antiche belle d'invenzione e di stile*.

Não encontro vestígios de Straparola, Malaspini, Masuccio, Sacchetti, Poggio onde também ocorrem motivos idênticos aos da *novelística popular portuguesa*. Essas italianas, como os castelhanos, foram divulgadores de temas orientais em sua mais alta percentagem. Lidos e citados pela gente letrada não teriam importância decisiva para a memória popular, como eles repositório das mesmas lendas, sabedora das mesmas estórias, lendas e aventuras. Creio muito parcamente da projeção desses novelistas quanto ao tradicionalismo oral português. Fixaram eles alguns assuntos que seriam, há séculos, sabidos pelas memórias portuguesas, vindos por outros caminhos para a citação anônima que jamais possuiu os encantos da impressão tipográfica e uma paciência erudita de um Menéndez y Pelayo ou de um Reinhold Kohler, de um Joseph Bedier ou de um Theodor Benfey, para acompanhar-lhe a jornada através do tempo, como fez Max Muller com *La loihière et le pot au lait*.

Menéndez y Pelayo, sem a monomania orientalista, decidiu que "el proceso novelístico demuestra en la mayor parte de los casos que el cuento árabe viene de Persia y el cuento perssa viene de la India."

Os livros-fontes, *Calisto e Dimna*, *Snadebar*, *Disciplina Clericalis*

(312) "As Maas Artes das Molheres". *Cinco Traducciones de Pero Portugal*, n. 148, II, 55-57, 1932.
(313) *Albada Milne — Pateirologia*, *Tabala XII*, vol. 187, 187. Paris, 1899.
(314) *Ed. príncipe*, Venetia, 1556.

liá, Penchastenta, *Histopadara*, *Sermones Vulgaris de Jacques de Vitry*, *Barbado e Joséfá* (315), *Directorium Vitae Humanae*, etc. tiveram, desde o século XII, traduções latinas e vieram espalhar-se em italiano e espanhol. A origem oriental é incontestável e esses motivos, simplificados para que o povo entendesse sua finalidade catequística, foram absorvidos facilmente pelos europeus, desde que o lado apodéctico dos indus ficou dispersado na indumentária cristã. *Bedier* acitava a influência literária do conto oriental, atizada pelas traduções e imitações, mas repelia "el supuesto origen indio de los cuentos populares"; resumiu *Menéndez y Pelayo*.

Se vimos que os portugueses conheciam, no século XVI, *Boécio*, *Sansovino*, *Domenichi*, *Guicciardini*, *Florentino*, e *Menéndez y Pelayo* informa que Trancoso adaptou ao português vários contos de *Boécio*, *Bandello*, *Straparola* e *Geraldí Cinthio* (316), constatamos que existe no conto português os mesmos motivos dos novelistas italianos sem a mais segura dedução de uma influência. Quase sempre são variantes inteiramente diversas das registadas pelos italianos, especialmente *Straparola* e *Cinthio*, e o valenciano *Juan Timoneda*, o rival castelhana do escritor beirão. *Menéndez y Pelayo*, insubstituível, indispensável, confessa que a característica da coleção de contos de Trancoso, "y le da más valor folclórico que a la de Timoneda es el haber acudido con frecuencia a la fuente de la tradición oral." E logo a seguir, à p. 150 da ed. *Glen*: — "es patente que el autor portugués las recibió casi siempre de la tradición oral, y no de los textos literarios." O mestre *Pelayo* dá duas direcções à sua lógica. Como *Gonzalo Fernandes Trancoso* publicou a estória de *Gríselda* (conto V da terceira parte), *Pelayo* escreve, comparando o *Patrasiuêlo de Timoneda* ao *Contos e Histórias de Proveys e Ezempló*, este posterior ao espanhol: "Las grandes semejanzas que el libro valenciano y el portugués tienen en la narración de *Gríselda* quizá pueden explicarse por una lección italiana común, algo distinta de las de *Boecio* y *Petrarca*", V, 144. Na p. 153: — "De *Boccaccio* trasladó no solo la *Gríselda*..."

A *Gríselda* de Trancoso não é o *De obedientia ac fide uxoria* de *Petrarca* nem a *Gríselda* da última *giornata* do *Decamerone*. O caso da "Rainha virtuosa com duas irmãs que o não erão",

(315) Não pode consultar o *Texto Crítico de Lenda dos Santos Barlado e Joséfá*, por G. Vasconcelos Alves, Lisboa, 1911. Le o resumo do texto, traduzido de George Perrot, do *Essai sur la Mythologie Comparée, Les Traditions et les Contes*, 2^a ed., 612-Páris, 1874. Das estórias citadas por *Malherbe* nenhuma encontrou conservada oralmente pelo povo. Muitas, entretanto, são motivos literários, com féca a ampla bibliografia. Outra fonte, não arcaica, mas número de apêndice.

(316) *Menéndez y Pelayo*, op. cit., V, 144.

(VII da segunda parte) é um dos motivos mais conhecidos na Europa. *Emmanuel Cosquin* e *Reinhold Kohler* reuniram variantes de todos os continentes. As duas versões de *Teófilo Braga*, a *Leite de Vasconcelos* (que *Rodney Gallop* transcreve à página 267 do seu citado *Portugal, a book of Folk-ways*) tem sua versão no Brasil, "Os Três Coroados", registada por *Silvio Romero*, e transcrita, com bibliografia, neste volume. O modelo de Trancoso é diferente. Não há ali forma literária. Trata-se de uma variante ouvida e escrita. O tipo mais popular é o mesmo que *Straparola* registou no *XIII Piacevoli Notte*, *Notte 3*, Fábula 4, correspondendo ao Mt. 707 de *Arne-Thompson*, "The Three Golden Sons." *Gonzalo Fernandes Trancoso* escreveu uma estória inteiramente idêntica, vivendo na terra em que se ouvia contar as aventuras sedutoras do "Rei Escruta" ou "As Cunhadas do Rei".

Não cabem os comentários para comprovar que Trancoso é um escritor essencialmente divulgador de estórias populares e que as coincidências e raras semelhanças são sempre modificações do tipo geral, denunciando outra fonte de informação alheia às impressas. Alguns contos, de grande amplitude geográfica, como o XVII da primeira parte, "Don Simão", de *Teófilo Braga* ou "As Três Perguntas do Rei", do prof. *Agostinho de Campos*, a clássica estória entre o "Rei João e o Abade de Cantorbery", o nome "Padre sem cuidados", versão de *Sergipe* (XLVIII do *Contos Populares do Brasil*, de *Silvio Romero*), tema que *W. Anderson* esgotou, encontrando centos de variantes, (317) e que *Alfredo Apell* recensou num exemplo russo de sua coleção, (318) embora desconhecendo *Anderson*, publicado três anos depois. A estória de Trancoso não se ajusta, inteiramente, aos tipos comuns e apenas numa pergunta coincide com um seu contemporâneo, *Teófilo Folengo*, que incluiu a patranha no poema burlesco *Orlandino*. Não é possível que Trancoso haja conhecido *Folengo* nem *Franco Sacchetti*, do tempo de *Dante* mas com as novelas impressas no século XVIII. *Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, que não teve tempo de examinar as fontes, informou a utilização de *Sacchetti*, *Straparola* e *Boécio* por parte de Trancoso...

Os motivos portugueses e castelhanos recruzam-se nos livros populares e letrados. De onde partiu a velocidade inicial será difícil apurar. A facécia que *Teófilo Braga* contou (n. 89, "Os Peixes do Guardião") é bem um índice. O frade, a quem coube um peixinho, momrava, fingindo conversá-lo. O Guardião reparou nas mímicas e o frade explicou que perguntava pelo Pai, afogado

(317) "Kaber und Abt", vol. IX, *FPC. Helsinki*, 1911. O tema é orisinal. Aparece num trabalho histórico de *Ibn Abdubakri* (sic. IX). *Anderson* reuniu 361 versões. *FF* *Communications*, Helsinki, 1911.

(318) *Contos Populares Brasileiros*, XXIV, Lisboa, s/d (1918).

no mar e o peixinho, por ser pequenino, nada sabia, mas indicava o grande peixe que estava no prato do Guardião como capaz de tudo informar. Braga não anotou a facécia, senão que a tivera da ilha de São Miguel, mas encontro em Menéndez y Pelayo três versões (V, 176-7), de Melebrer de Santa Cruz, na *Floresta Española*, de Paz Média, *Salas Españolas* e Sebastian Mey, no *Pabulario*.

De citação exata sei apenas da *Certe* na *Aldesá* (319), em que Rodrigues Lobo fala no "modo extremado para se tirar outro novo *Alívio de Camisantes*, com melhor traça que o primeiro." Aludia ao terceiro livrinho de contos de Juan Timonedá, *El So-brenzas y Alívio de Camisantes*, com seis edições no momento em que se divulgava o volume de Rodrigues Lobo (1618).

No mais, é rio corrente que faz mover aos dois moínhos... Onde teria recebido Gil Vicente a bilha de azeite que Mofina Mendes faz cair e quebrar em seu baile de sonbo infeliz? Ouviu-a el-rei d. João III em 1534. Pelos novelistas italianos não a vira ainda. Há fonte castelhana, dom Juan Manuel, o exemplo VII do *Conde Lucanor* onde dona Truhana, sonhando com a riqueza futura, quebra sua *olla de suel*, episódio divulgado há quase duzentos anos antes. Se Gil Vicente adotou a dona Truhana, vestindo-a de Mofina Mendes, mudou-lhe inteiramente a feição, articulando-a como personagem num "auto" legitimamente português, escolhendo nome denunciador das desditas. Já não viveria na citação popular!

No Portugal do séc. XIV estavam duas coleções de contos orientais. A *História de Barlaão e Josef* e o *Orto de Sposo*, compilação do cisterciense frei Hermenegildo de Tancos. A primeira, escrita por São João Damasceno, no século VIII, historisava a vida do rei Josef e do monge Barlaão que o convertem. Enxameavam-se exemplos sugestivos de renúncia, pureza moral, crítica aos prazeres do Mundo. A fonte teria sido uma biografia apologetica do Sindarta Gótama, o Buda, o *Lalita Vistara*, evocando a existência do príncipe de Capilavastou. O livro teve uma popularidade prodigiosa no Oriente e Ocidente, traduzido em síriaco, árabe, etiopiano, armênio, hebreu, latim, francês, italiano, alemão, inglês, espanhol, tcheco, polonês, tagal, islandês e, desde 1898, impresso em português. Barlaão e Josef foram considerados como de existência real e elevados à classe dos "santos" na Igreja Católica e Ortodoxa, dedicando-lhes o dia 26 e para o Martirologio Romano, o 27 de novembro... A discussão erudita de ter-se canonizado a Buda, continua aberta por Laboulaye em 1859.

Esses *Barlaão e Josef* traz pequenas estórias morais que inda correm livros e memórias. O "Exemplo do Filósofo", divulgado por Teófilo Braga (n. 130), é um desses mais expressivos, assim

(213) II, 34. Lisboa, 1887.

como o "Exemplo dos três amigos" (n. 131), subsequente, (220).

O *Orto de Sposo*, com literatura ascética, inclua motivos orientais, já constantes de outras coleções famosas, *Pachatantra*, *Hita-pidez*, *Calisa e Dimna* e suas versões latina, francesa, italiana, como "Os quatro ribaldos", adiante transcrito (cap. VIII), com anotações e analogias.

Um elemento poderoso de divulgação, de meados do séc. XVII em diante, desses motivos orientais, hauridos por intermédio do latim, do grego, do italiano e do castelhano, foi o livro religioso, recheado de exemplos, apregoando a excelência da leitura e em ambas as ciências, divina e humana, *utroque jure* da indispensabilidade cultural.

Ninguém poderá calcular até onde iam as sonoridades irradiadas pelo padre Manuel Consciência, com a *Academia Universal de Vária Erudição Sagrada e Profana*, com que se ilustram alguns lugares da *Sagrada Escritura*, propõem algumas questões eruditas, e se referem diversas histórias e notícias são menos agradáveis que úteis em 1732; pelo padre João Batista de Castro na *Hora de Recreio*, nas *Férias de Maiores Estudos*, e *Opressões de Maiores Cuidados*, em 1743, trazendo excertos da *Feira dos Azeites* de dom Francisco Manuel de Melo, então inédita, pelo padre Francisco Saraiva de Souza, no *Báculo Pastoral de Flores e Exemplos Colhidos de Vária e Auténtica História Espiritual sobre a Cidade de Cristã*, em 1624 (dez edições até 1719); pelo frade agostiniano frei João Pacheco, *Divertimento Erudito para os Curiosos de Notícias Históricas, Escolásticas e Naturais, Sagradas e Profanas*, em 1734; pelo franciscano frei Rafael da Purificação no *Letras Simbólicas e Sibílicas*, obra de recreação e utilidade, cheia de erudição esgrada, e profana, de notícias antigas e modernas; com documentos históricos, políticos, morais e ascéticos; para os estudantes, e amigos tanto de *Letras Divinas*, como de *letras humanas*, em 1747, na esteira das informações dadas pelo padre Manuel Bernardes, sereno e claro no *Nova Floresta ou Silveira de Várias Aposições e Ditos sentenciosos Espirituais & Morais, com Reflexões*, em que o *Fil da Doutrina se Acompanha com o Vário da Erudição*, assim Divina como Humana, em 1706.

(219) O homem como os frutos de uma árvore expõem um abismo e roída por dois vermes, um branco outro preto. Em latim estava em toda esperança que ele caísse para devorá-lo, assim como de lado sigara um algarvo muy espantoso. O homem, entretanto, distraído, comanda os vermes. A árvore é o mundo, o abismo o medo, a terra a vida humana, os vermes o dia e a noite, o lado o inferno e o alívio e paratário. O exemplo é contraditório nos vários livros, *Pachatantra*, *Orto de Sposo*, *Alívio de Sposo*, *Calisa e Dimna*, *Calisa e Dimna*, fim do cap. II. Era abundantemente empregada nos sermões. Frei Heitor Pinto citando E. João Damasceno utilizou o episódio. E o "Exemplo do Filósofo". Um homem amava um amigo mais do que a si próprio, outro tanto quanto ele mesmo e o terceiro aborrecia de si. Este foi o que lhe veio a servir, acompanhando-o a presença de Deus. E o "Exemplo dos Três Amigos".

Centenas de estórias tinham suas variantes e registos clássicos nesses cartapácios venerandos, como os italianos tiveram um rúndulo no padre Florentino Jacopo Passavanti, *Lo Specchio Della Vera Pentitena*, cujos *esempi* são documentativamente índices da literatura oral na época (321).

O exemplo era um tema compreensivo para o auditório e os pregadores multiplicavam os motivos, vindos de clássicos gregos e romanos, dos *IMAGO* ou *SPECULUM* medievais, das crónicas eventuais ou da própria fonte popular, embora previesse de longa e asombrosa anciandade temática.

Na livraria del-rei dom Duarte os livros de cavalaria ensinaram-se junto às coleções de contos, *Orto de Sposo* ou o *Livro do Conde Lacerdor*, com os cinquenta e um *exemplos de Patrãoio*, o livro de Salomão, com sentenças e estórias fictícias que ainda correm, como a viagem maravilhosa de Marco Polo, a visão rutilante dos mistérios, evocando cenas que vamos encontrar, fielmente, nas aventuras de Sinbad, o marítimo, um dos capítulos da *Mil e uma Noites*.

E a Raposa determinar, no vocabulário português, raposia, raposino, raposamente, como sinónimos de espartezia, arteirice, sagacidade, não denuncia a existência de um ciclo de suas andanças veihavas, repercutindo ainda os sucessos medievais do *Roman du Renard?*

Falares, Exemplos, Romores, Novelas, as estórias continuam, atuais e vivas, envolvendo auditórios nas recordações de um passado de asombro e de sugestão irresistível. É um documento mais expressivo que o utensílio da choga, arma, cerâmica, residência. Denuncia, no simples enunciado, todo um depoimento moral e fiel de civilização real e própria, pormenorizando a mentalidade do grupo, da família ou da sociedade, organização, sistema de castigar e premiar, combater e manter-se, a situação dos elementos componentes em face do amor ou da fome, direito do rei, do pai, do chefe, do estrangeiro, do soldado, do trabalhador. Diz-se, em tintas claras, indelíveis como num desenho rupestre, como sinceramente se realiza a caça, a pesca, o trabalho no campo, gado ou plantio, a impressão coletiva sobre os dados imediatos da moral religiosa comparados com a lógica utilitária da narrativa. A predileção do vencedor e seus métodos de vida e sucesso, gritam a inteligência, coragem e alma do ambiente. Pelo conto popular é que vemos nascer e imobilizar-se no mito o herói da facção, partido, *añ*, formando uma idíia geral de Pátria, Odiseus, Oedipus, Sigurd, Jaso, Weinamoiben, Pururavas.

(321) *Angelo Monteverde* — "Gli Esempi óello 'Specchio di Vera Pentitena', *Giornale storico della Letteratura Italiana*, LXI e LXIII, 1911 • 1314, 246 e 248.

Todos vieram pelos mesmos processos que melancolizavam a austeridade del-rei dom Duarte: "E da questa guaya erramos per este desasseseço: se no tempo de orar e ouvir ofícios dyvynas, nos conselhos proveitosos, salamentos ou desembarços, levantamos stórias, recontando longos exemplos..."